



*Por uma cultura de paz*

**150. RedeUnaViva: Meditação Cristã 150 – paragem 6-423 –  
30.07.2017**

LUCAS 13:1-9

**A ÚLTIMA OPORTUNIDADE DA METANOIA**

**Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. O que é mais importante do que o conhecimento da causa espiritual da morte?
2. Qual é o ensinamento dessa parábola?

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

3. Tenho aproveitado as oportunidades ensejadas na atual existência para encontrar a vida?

**150.1 Introdução: a presença divina na morte.**

Provavelmente, aquela multidão experimentava algum tipo de conagração. Em regime de espontaneidade, as conversas fluíam fáceis. Um pedido ali, outra pergunta acolá; respostas precisas, soluções, às vezes, desconcertantes, mas todas, plenas de originalidade. Desfrutar da companhia do Mestre, sorvendo o quê da sua boca brotava, constituía sublime alegria para os adeptos. Na última intervenção, fora convocado para solucionar questão de foro familiar. Declinou, sem que o alto crédito da sua palavra sofresse qualquer abalo junto àquele povo simples e sem que deixasse escapar a oportunidade de veicular importante lição. Uma parábola veio evidenciar os enganos sobre o dinheiro e a posse.

Agora é concitado a esclarecer matéria doutrinária, ainda no campo do carma. Detém certa parecença com a dúvida recente que os discípulos mais íntimos tiveram, quando lhe interrogaram sobre o funcionamento da lei de Deus perante a enfermidade. Naquela ocasião, referia-se à cegueira que nascera com o mendigo de Siloé. Saber como o erro do Espírito – o vulgo pecado – se relaciona com o problema da doença, continuava como tema prevalente.



### *Por uma cultura de paz*

E na morte, como funciona a justiça divina? Determinados tipos de morte conteriam algum selo indicativo de resgate individual ou coletivo? A resposta, de novo, é intrigante. Solicita de nós reflexão apurada, ainda mais por se fazer acompanhada de outra parábola. O entendimento da parábola há de denotar, sempre, o grau de desenvolvimento espiritual do decifrador. As respostas do Mestre, de ordinário chamam ainda a atenção pelo poder pedagógico de fazê-la retornar ao interlocutor, revelando aspecto oculto ou inconsciente para o qual sua atenção é chamada. O despertar ensejado nessa singularidade respinga sobre nós até hoje, caso estejamos minimamente atentos.

Analisemos os nove versículos que abrem o capítulo 13 de Lucas, visando conhecer também a quantidade da nossa atenção para as questões suscitadas.

#### 150.2 Evangelho-parte 1: O significado da morte. (Lc)

Lucas 13:1-9	
1. Vieram alguns, nessa mesma ocasião, anunciando-lhe a respeito dos galileus, cujo sangue Pilatos misturou com o dos holocaustos deles.	
2. E respondendo, disse-lhes Jesus: "Imaginais que esses galileus se tornaram mais culpados, em comparação com todos os galileus, porque sofreram essas coisas?"	
3. Não, digo-vos; mas se não mudardes vossa mente, perecereis todos de igual modo.	
4. Ou esses dezoito, sobre os quais caiu a torre em Siloé, pensais que eles se tornaram mais devedores, em comparação com todos os homens habitantes em Jerusalém?	
5. Não, digo-vos; mas se não mudardes vossa mente, perecereis todos do mesmo modo".	

1. Na mesma ocasião, Jesus respondeu à pergunta sobre o sentido da morte de alguns galileus, executados por Pilatos.

2. Esclareceu-lhes que o tipo de morte desses galileus não significava serem mais culpados do que os demais galileus.

3. E avançou: "Se não mudardes vossa mente, perecereis de igual modo.

4. Da mesma forma, os dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé não eram mais culpados do que os demais habitantes de Jerusalém.

5. Reiterou: "Se não mudardes vossa mente, perecereis de igual modo".

#### 150.3 Evangelho-parte 2: Cortar ou não a figueira infrutífera. (Lc)

Lucas 13:1-9	
6. Dizia então esta parábola: "Alguém tinha uma figueira plantada em sua vinha e veio procurando fruto nela, e não achou.	
7. Disse, então, ao viticultor: há três anos venho procurando fruto nesta figueira e não acho; corta-a, pois. Para que deixar inativa a terra?	
8. Respondendo, disse-lhe ele: Senhor, deixa-a ainda este ano, até que eu cave em torno dela e	



*Por uma cultura de paz*

ponha adubo, e certamente dará fruto no futuro;

9. mas se não, cortá-la-á".

6. Contou-lhes outra parábola: "Um Senhor tinha uma figueira plantada em sua vinha. Procurava fruto nela e não achava.

7. Disse ao viticultor: 'há três anos procuro fruto nesta figueira e não acho.

8. Corta-a, pois. Para que deixar inativa a terra?"

9. Respondeu o viticultor: 'Senhor, deixa-a ainda este ano. Cavarei o seu entorno e porei adubo.

10. Assim, certamente dará fruto no futuro. Se não der, então tu a cortarás.

#### 150.4 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

##### 1. O que é mais importante do que o conhecimento da causa espiritual da morte?

Buscamos um conhecimento que nem sempre é o essencial. Nossa busca depende do olhar que dirigimos para o cenário que ocupamos. Naquela multidão, alguns pressupunham ser possível deduzir o comprometimento cármico da pessoa no tipo de morte que lhe era acometido. Pilatos sufocara várias rebeliões, até mesmo pequenas, para manter a ordem do poder romano dominante. Tantas delas com derramamento de sangue, mas nada que fugisse a vulgar rotina conhecida. Referiram-se também à notícia local do desabamento de uma torre em Siloé que soterrou dezoito cidadãos. Admitiam, a princípio, que as vítimas, nas duas ocasiões, estariam ajustando contas com a justiça divina e, portanto, eram mais *pecadores* do que os demais conterrâneos. Jesus os desencoraja a seguir nesse tipo de raciocínio, embora na atualidade, a literatura espírita já nos forneceu subsídios mais do que suficientes que confirmam a pertinência dessa argumentação. Estariam em contradição com a afirmação do Cristo? Não. Implicitamente, Jesus nega que o comprometimento de alguns deva ser estendido para todas as vítimas. Nos casos de mortes coletivas, certos indivíduos são levados como parte do carma grupal, que atua, primeiramente, para toda a humanidade. A escala do carma coletivo vai se diferenciando à medida que desce para os grupos menores; os das nações, cidades e famílias. Vale o seguinte raciocínio: eu, como cidadão da Terra, tenho um carma, próprio desse gigante grupo. Como brasileiro, tenho outro, também compartilhado pela nacionalidade. E como nascido em determinado município, morador de um distrito, ou membro da minha família, sou dado a outra espécie de resgate cármico, próprio de cada conjunto. Mas posso ser acometido por um drama familiar, sem estar comprometido com os erros pretéritos dos Espíritos ali envolvidos. Mesmo nesse caso, não há injustiça porque, de qualquer forma, saltando para o grupo maior, sou parte da família humana, que por estar aqui, na Terra, está sujeita às idiossincrasias de doença e morte, inerentes ao estágio evolutivo do planeta. Há ainda as escolhas que levam qualquer Espírito, mais



*Por uma cultura de paz*

liberto, a fazer parte de um grupo que passará por sofrimento, como meio de ajudar os comprometidos a atravessar o trânsito de dor.

O tempo de aprendizado espiritual já dispôs à humanidade uma compreensão mais profunda sobre as minúcias do funcionamento da lei divina. Jesus, no caso, simplesmente não quis entrar no detalhamento da lei de ação e reação. Falou a verdade, isto é, que nem todos os envolvidos em tais dramas têm dívida cármica maior do que aqueles que *são* poupados. Algo semelhante disse, quando explicou a causa da deficiência visual do mendigo de Silóé. Deveria, como avatar que é, não entrar no varejo da contabilidade de Deus. Mais do que cuidar dela no âmbito do atacado, Jesus preferiu mostrar o seu ângulo transpessoal – para usar termo comum às nossas referências atuais. Apontou para a libertação total do Espírito, uma possibilidade real, e revolucionária, para os que privam da sua companhia.

Mais importante do que nos tornarmos *experts* na cátedra espiritual é alcançarmos a libertação, nossa salvação. Salvarmo-nos da morte enquanto ela não chega. O Batista já havia apontado o caminho: a reforma mental como meio de receber a visita do Messias, portador do reino dos céus. Como pereceram os sacrificados por Pilatos ou os dizimados pelo soterramento da torre? Morreram como morre a maioria. Achando que é o fim. Ou se esforçando para admitir o contrário. De qualquer forma, sujeitos às idas e vindas próprias da dúvida, ou arrastados pela onda pessimista do existencialismo. Pior ainda para aqueles considerados religiosos que não fizeram da religião nada mais do que um clube diferente, com seus encontros mais marcados pelos interesses imediatos da sociedade do que pelo cultivo de um acesso à transcendência.

Pastorino salienta o termo em grego para essa transformação – **metanoia**. A mudança da mente com o arrependimento das ações que se consumaram a partir do engano sobre os reais valores da vida. Mudar o padrão mental, que é o mesmo que mudar o conjunto, pensamento, sentimento e ação. Modificar-se rumo à iluminação. De posse dessa, a morte terá sido vencida, mesmo tendo que passar pela morte do corpo físico. Funcionará, guardando a devida diferença de proporção, como a troca de roupa, após o banho. O banho é a operação da morte. Para os que a atravessam já libertos, sua passagem é rápida, suave e ampliadora de consciência. Jesus aproveita a questão levantada para pontuar a diretriz libertadora. Disse, “se não mudardes a vossa mente, perecereis de igual modo”, mas o seu correlato é esse: “liberte-se **AGORA** da (falsa noção de) morte e não haverá qualquer temor no momento da saída definitiva do corpo material”.

## **2. Qual é o ensinamento dessa parábola?**

Adicionou uma parábola para que seu ensinamento ficasse grafado no código da metáfora.

Consta de uma figueira plantada numa vinha. O proprietário busca, em vão, pelo seu fruto no terceiro ano consecutivo. Quer cortá-la para que não continue a



### *Por uma cultura de paz*

ocupar lugar da vinha que produz. Recebe uma contestação do seu administrador, que se propõe dedicar um cuidado especial no próximo ano, como uma última tentativa antes da poda. Curta estória, mas com conteúdo profundo.

Pastorino salienta o simbolismo do arcano três e quatro. O três, como as três fases de qualquer processo. Há o início, o meio e o fim. Se o processo é realizado a contento, resulta na conquista que se consolida, como produto concreto. O quatro é número que simboliza a estruturação. Se aqui, ele entende o terceiro estágio como o da metanoia, a transformação mental, aquela apregoada pelo Batista, seu resultado auspicioso é a conquista do Reino. Posto nos últimos termos das lições do Cristo, é tornar-se a Luz Viva, ou seja, iluminar-se. Nesse particular, o primeiro estágio é o encontro com o Mestre para escutar seus mandamentos, e o segundo, o processamento do seu entendimento. Na metáfora do plantio, a semente é semeada, germina-se e cresce, para no estágio final, oferecer o fruto. O Cristo veio como o semeador divino. Os que o escutam com afinidade são os que aderiram à causa. Resta, agora, apresentar o trabalho, mostrar como a assimilação dos seus princípios se materializa em farta colheita.

Mas há ali, na multidão, as figueiras estéreis. Não tem produzido como a vinha faz. O Cristo pode ser entendido como o vinicultor que além de cuidar das uvas, dedica-se às figueiras sem frutos. Decidiu descer à Terra, para cavar em torno da árvore e colocar nova camada de adubo. Fala isso para os curiosos intelectuais, que se divertem com seus brinquedos preferidos.

É a última chance. Por isso, diz aos interlocutores. “Procurem obter, mais do que o conhecimento sobre a espiritualidade, a sua vivência profunda e íntima. Entrem na vida imanente, pois assim se tornam aptos a atravessar os diversos tipos de morte, toda forma de perda. Perda, para quem se identifica com o objeto alienável. Para quem acha que precisa dele para estar bem, para ser feliz, diferente daquele que tem a vida em si.

O Cristo veio demonstrar tal procedimento. Sua morte infame não diminuiu um mínimo grau da sua divindade. Isso porque não estava identificado com o corpo, com a personalidade, e nem como sendo sua existência terrestre o palco real da vida. Passou pelo sacrifício extremo da morte cruenta, glorificando a vida plena.

#### **150.5 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

##### **3. Tenho aproveitado as oportunidades ensejadas na atual existência para encontrar a vida?**

O que fazer, Divino Amigo, para dissolver a ilusão da morte em realidade da vida, através dessa lição que tua parábola nos presenteia? Se o três referencia bem os processos temporais, recebo a estória contada como outra chance para um novo ciclo



*Por uma cultura de Paz*

que se inicia. Mais uma oportunidade, a terceira, de melhor concluir o trabalho em tua vinha.

Preciso me esmerar não apenas no começo e no meio, mas ficar atento para os cuidados que o término da jornada requer.

Entendi tua mensagem essencial, mas ainda me ocupo em discriminar como se aplica em minha rotina diária. Faz parte do terceiro estágio, consubstanciar em frutos a reforma mental em andamento.

Identifico-me, pois, em muitos momentos com os curiosos daquela Jerusalém, querendo mais conhecer do que vivenciar. Para combater tal tendência, me dedico a cada noite, a passar uma hora em tua companhia, na mais absoluta introspecção. Desligo-me do contato com o mundo, que na atualidade é sedução multimídia, para te buscar em meditação. Poderia também ser chamada de oração silenciosa, já que o objetivo é calar qualquer reclamo do ego ou quaisquer explicações para as demandas que aparecem a cada dia. Se essas aparecem, é porque no momento em que vivencio a situação, estou mais em mim, personalidade, do que em mim, Cristo, um contigo. Se elas ficam muito aderidas preciso usar o recurso da completação para me libertar do ego.

Trago também o quatro para essa reflexão da metanoia, atentando-me para a beleza da parábola que nos legaste, no capítulo da vez. Tu, como sublime viticultor, pedes ao Pai mais um ano, um ciclo de quatro estações, para cuidar de mim, figueira infrutífera, tantas vezes preso às distrações do caminho. Promete adubo generoso em torno da árvore que sou para que eu aproveite melhor as oportunidades do tempo. Cheguem elas em forma de inspirações realistas nos instantes em que as confusões emocionais tenderem a me consumir.

Que eu saiba aproveitar a água da chuva, que se transforma em seiva ascendente para que minhas ramagens tenha o céu por alvo e o sol por nutrição. E nas grimpas dos galhos eu ofereça o fruto, néctar da vida. Fazer da semente, fruto, e do fruto, semente, cooperando no campo da tua vinha que é o reino dos céus.

**148.1 Versículo(s) para a meditação:** Lucas 13:3.

3. Não, digo-vos; mas se não mudardes vossa mente, perecereis todos de igual modo.

**RedeUnaViva: Meditação Cristã 151 – paragem 424 – 06.08.17**  
**LUCAS 13:10-17**